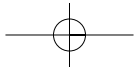
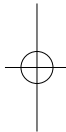
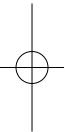


A CONSPIRAÇÃO FRANCISCANA



JOHN SACK

**A CONSPIRAÇÃO
FRANCISCANA**



SEXTANTE

A Conspiração Franciscana é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos são fictícios ou, quando históricos, são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas, eventos ou locais reais é mera coincidência.

Título original:
Copyright ©
Copyright da tradução © 2007 por GMT Editores Ltda.

Todos os direitos reservados.

tradução

preparo de originais

revisão

projeto gráfico e diagramação
Valéria Teixeira

capa

pré-impressão

impressão e acabamento

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ



Todos os direitos reservados, no Brasil, por
GMT Editores Ltda.
Rua Voluntários da Pátria, 45 – Gr. 1.404 – Botafogo
22270-000 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2286-9944 – Fax: (21) 2286-9244
E-mail: atendimento@esextante.com.br
www.sextante.com.br

AGRADECIMENTOS

AO NORTHWEST WRITING INSTITUTE DO LEWIS and Clark College, pelo período de residência da Walden e pela valiosa dádiva do tempo.

Aos autores da Blue Mountain e aos leitores da White Cloud, pelos inestimáveis conselhos e pelo incentivo.


E, – acima de todos, a Francisco, que insistiu para que esta história fosse contada. *Grazie molte.*

Beatus fr̄ciscus duob; ānis ante mōte suū fecit quadra-
 gesimā loco aduene ad honore beate viginis m̄rie maris die beate
 arch̄diaconi alessi adūptiois sc̄e marie uirginis ad festū sc̄i
 arch̄diaconi seraph̄i 7 facta est sup eū manū dñi p̄ uisionē 7 allocuti-
 onē seraph̄i 7 impōitionē stigmatū x̄i irope suo sc̄e h̄c laudē ex alio
 late re- cānule sc̄ptar; manu sua sc̄psit ḡsa ges̄ d̄ d̄ de b̄n̄ficio sibi
 collato

Benedicat tibi dñs 7 custo-
diat te. ostē dat faciem
suā tibi 7 misereat tui
couertat uultū suū ad te
7 det tibi pace

Et Beatus fr̄ciscus scripsit manu sua b̄n̄dictionē n̄sri loci

dñs bene
 fleote dicat



Simili modo fecit istud signū ih̄u cū capite manu sua

Caso Satã existisse, o futuro da ordem fundada por São Francisco lhe proporcionaria um prazer extraordinário. (...) O resultado final da vida de São Francisco foi criar mais uma ordem abastada e corrupta, para fortalecer a hierarquia e facilitar a perseguição a todos que se sobressaíssem pelas virtudes morais ou pela liberdade de pensamento. Tendo em vista o caráter e os objetivos pessoais dele, é impossível imaginar conseqüência mais amargamente irônica.

– BERTRAND RUSSELL



Não me venham dizer que Francisco fracassou. O Espírito de Conciliação apropriou-se de seu sonho e podou-o a gosto: apropriou-se de seus irmãos (...) e modificou-os, da mesma forma como tentara modificá-lo desde o início, transformando-os em monges bons, mas banais. Apropriou-se de seu corpo e enterrou-o em uma das maiores igrejas da Itália. Apropriou-se da história perigosa de sua vida, censurou-a e adaptou-a nas biografias. Mas não conseguiu apoderar-se de Francisco. (...) Francisco triunfou; foram os outros que fracassaram.

– ERNEST RAYMOND

Frater Leo frater sancto frater
 lute et pace. Radico et b.
 frater me. sicut mat. q.
 oia vba que dixi mihi
 nua. breuit in nbc ubi
 dispono col. l. u. n.
 rapor. et p.
 fili ut nre d. me.
 q. ut col. l. u. n. i. q.
 cuq. modo me l. u. s.
 de. t. p. ac. e. me. d. i. o.
 eo. s. e. q. u. e. s. t. i. g. r. a. s. p. u.
 l. p. t. e. i. u. n. f. a. c. i. t. u. r.
 cu. b. e. n. e. d. i. c. t. i. o. n. e. d. o. m. i.
 p. e. n. i. t. e. a. o. b. i. e. n. t. i. a.
 i. n. t. i. b. i. e. t. n. e. c. e. i. u. n. i.
 a. n. i. m. a. u. a. p. p. t. e. d. l. a.
 i. n. s. o. l. u. t. i. o. n. e. q. u. a. l. i. u.

FAC-SÍMILE DA CARTA ESCRITA POR SÃO FRANCISCO
AO IRMÃO LEO POR VOLTA DE 1220.

LISTA DE PERSONAGENS

OS FRADES MENORES (FRANCISCANOS)

Ministros Gerais (1212-1279)

1212-1226 São Francisco de Assis (San Francesco d'Assisi)

Vigários: Pietro Caetani, 1212-1221

Elias di Bonbarone, 1221-1227

Secretário: Leo d'Assisi

1227-1232 Giovanni Parenti

1232-1239 Elias di Bonbarone

Secretário: Illuminato da Chieti

1239-1240 Alberto da Pisa

1240-1244 Haymo de Faversham

1244-1247 Crescentius da Iesi

1247-1257 Giovanni da Parma

1257-1274 Bonaventura da Bagnoregio

Secretário: Bernardo da Bessa

1274-1279 Girolamo d'Ascoli

OS IRMÃOS

Conrad da Offida, eremita da facção Espiritual

Federico, em visita a Assis

Lodovico, bibliotecário do Sacro Convento

Salimbene, escriba e cronista

Tomás da Celano, primeiro biógrafo de São Francisco

Ubertino da Casale, noviço

Zefferino, companheiro de frei Illuminato

DA COMUNA DE ASSIS

Angelo di Pietro Bernardone, mercador de lã

Dante, filho mais velho de Angelo

Piccardo, filho de Angelo

Orfeo, marinheiro, filho mais novo de Angelo

Francesco di Pietro Bernardone (São Francisco de Assis), irmão de Angelo

Giacoma dei Settisoli, viúva pertencente à aristocracia, originária de Roma

Roberto, mordomo de Donna Giacoma

Neno, carroceiro

Primo, fazendeiro

Simone della Rocca Paidà, signore da maior fortaleza de Assis

Calisto di Simone, filho de Simone

Bruno, criado de Calisto

Matteus Anglicus, médico inglês

DE FOSSATO DIVICO

Giancarlo di Margherita, cavaleiro aposentado, ex-prefeito de Assis

DA COMUNA DE GÊNOVA

Enrico, menino do interior, vindo de Vercelli

DE ANCONA

Rosanna, amiga de frei Conrad da Offida

OS DA COMUNA DE TODI

De Coldimezzo:

Capitanio di Coldimezzo, que doou as terras para a Basílica de São Francisco

Buonconte di Capitanio, filho de Capitanio

Cristiana, sua esposa

Amata, sua filha

Fabiano, seu filho

Guido di Capitanio, irmão de Buonconte

Vanna, sua filha

Teresa (Teresina), sua neta

Da cidade de Todi:

Jacopo dei Benedetti (Jacopone), penitente público

Cardeal Benedetto Gaetani

Roffredo Gaetani, irmão de Benedetto

Bonifazio, Bispo de Todi, irmão de Capitanio di Coldimezzo

DE VENEZA

Lorenzo Tiepolo, Doge de Veneza

Maffeo Polo, mercador de jóias

Nicolo Polo, irmão de Maffeo

Marco Polo, filho de Nicolo

OS PAPAS (1198-1276)

1198-1216 Inocêncio III, aprovou a Ordem dos Frades Menores

1217-1227 Honório III

1227-1241 Gregório IX (Ugolino da Segni, antigo Cardeal, Protetor dos Frades Menores, 1220-1227)

1241 Celestino IV

1241-1243 Cargo desocupado por vinte meses

1243-1254 Inocêncio IV

1254-1261 Alexandre IV

1261-1264 Urbano IV

1265-1268 Clemente IV

1268-1272 Cargo desocupado por quatro anos

1272-1276 Gregório X (Tebaldo Visconti di Piacenza, antigo Legado Apostólico do Papa em Acre, na Terra Santa)

PRÓLOGO



Assis

25 de março de 1230

O CAVALEIRO SIMONE DELLA ROCCA PAIDA esquadrihava a viela onde os frades iriam aparecer. Andem; venham logo, seus ratos de igreja detestáveis. Vamos acabar com essa história infeliz. Empertigou-se sobre a sela e sacou a espada da bainha. Sua língua estava seca como um chumaço de lã.

A multidão o irritava. Durante toda a manhã, levas de espectadores tinham acorrido à praça, sem se incomodar com o lixo que lhes chegava aos tornozelos nem com outra chuvarada que parecia prestes a desabar. O administrador-chefe da cidade, Prefeito Giancarlo, havia declarado feriado, e não seria uma simples chuva de primavera, muito menos a barreira erigida durante a noite, que iria estragar o espírito festivo. Os guardas civis de Giancarlo tinham arrastado pedaços de madeira e blocos de mármore do canteiro de obras da nova basílica superior, ainda incompleta, para levantar um muro baixo que cortava a praça. Agora, os guardas afastavam as pessoas para trás do muro como peixes numa represa, onde elas se acotovelavam para conseguir a melhor vista. O burburinho ia aumentando com a aglomeração. Alguns se esforçavam, inutilmente, para ouvir o canto dos frades em meio ao barulho. Tudo o que a multidão conseguia era manter o olhar fixo na mesma direção dos olhos de Simone.

Afinal, o cavaleiro viu o incenso queimando na ruela. Quando a procissão entrou na praça, um grande crucifixo emergia da fumaça e dos solidéus dos meninos que balançavam os incensórios. *Tarde demais para hesitações.*

Simone havia posicionado seus cavaleiros de frente para o espaço aberto diante da entrada da igreja superior. Fez um sinal de cabeça para os outros, colocou o elmo e alisou o cavanhaque para dar sorte. A mão se contraía sobre

o punho da espada. Os joelhos apertaram as costelas do cavalo. Engoliu com força para vencer a secura da garganta e seguiu lentamente com seu animal em direção ao espaço entre as pessoas e a procissão.

Os cascos sugando a lama a cada passada e o suave chacoalhar da armadura do cavaleiro quase não perturbavam a cantoria da fila dupla de cardeais usando chapéu e batina vermelhos, que avançava devagar como uma centopéia brilhante ao longo do muro que cortava a praça. Nem eles nem os bispos com mantos de arminho que vinham em seguida demonstraram o mais leve temor dos cavalos que avançavam aos poucos. Tampouco as pessoas que se benziavam e se ajoelhavam atrás da barricada.

E por que haveriam de temê-los? Aqueles eram os guerreiros de Rocca Paidà, a fortaleza no cume do morro que protegia a cidade. Todos haviam escutado rumores sobre a intenção dos habitantes de Perúgia de seqüestrarem os restos mortais do santo. Pelo menos, era isso que Simone esperava. O fator surpresa seria seu melhor aliado.

Atrás dos bispos vinham os frades e, bem no meio deles, os carregadores do caixão. Atravessaram a *piazza* ao longo da mureta da encosta que delimitava seu lado sul. O crucifixo, os cardeais e os bispos já haviam descido o caminho de terra que levava à igreja inferior e esperavam em formação no pátio externo.

Chegara a hora. Quando o caixão começou a descer a ladeira, ele gritou: “*Adesso! Agora!*”, e cravou as esporas em sua montaria. O cavalo investiu contra a fila, distribuindo patadas com os cascos dianteiros, conforme fora treinado para agir durante as batalhas. Com ossos quebrados, um frade foi derrubado gritando de dor; outro saltou para o barranco a fim de se livrar do enorme animal. Simone sorriu sob o elmo e pôs-se a golpear ferozmente com sua espada. Ao girar vagarosamente seu cavalo, viu os guardas civis enfrentarem um grupo de homens que tentava escalar a barricada.

– Proteja o alto do caminho – ordenou ao cavaleiro a seu lado.

Dois de seus cavaleiros já desciam em direção ao féretro, forçando os carregadores do caixão a se dirigirem para o pátio mais abaixo. A princípio, os frades cooperaram, correndo para o refúgio da igreja e a proteção do prefeito, que aguardava no sopé da estrada com o restante da guarda civil. Mas os homens de Giancarlo usaram suas lanças para dispersar os prelados pelo pátio, provocando um alvoroço de mitras e mantos e saias arrebanhadas, cujos donos tentavam fugir em direção ao caixão. Tarde demais, os frades se deram conta de que haviam caído numa armadilha.

Simone açoitou o cavalo e desceu o morro, ao longo da trilha. Mais embaixo,

bem perto dele, um frade agarrara um guarda pelo braço e gritava com voz estridente. O homem arremessou-o para fora da estrada com um golpe de sua manopla de metal, e o cavalo de Simone teve de saltar por cima do corpo que vinha deslizando ladeira abaixo.

O cavaleiro somente olhou para trás quando chegou à base da colina. O capuz do frade voou longe, expondo uma longa trança negra. A viúva romana! Maldita! Ela não tinha nada que sair na procissão com os frades. Escorria sangue de sua face quando finalmente conseguiu se levantar, mas ela parecia não notar nem se importar. Fulminando-o com seus olhos verdes, ela o desafiou mostrando o punho fechado:

– Como se atreve, Simone? Como tem coragem de roubar nosso santo?

O cavaleiro respirou fundo ao ser acusado pelo próprio nome. Mais uma vez, desejou que o prefeito tivesse contratado guerreiros de outra cidade para fazer aquele trabalho sujo.

Simone girou e galopou até a porta da igreja. Os guardas estavam agora com o caixão e arrancavam de cima dele o último frade, pequeno como um menino, que se agarrava a ele com toda a sua força. Por causa do seu tamanho, o cavaleiro presumiu que aquele deveria ser Leo, o anão. Após cercar a caixa de madeira, os homens de Giancarlo postaram-se atrás de Simone, enquanto os membros da igreja atiravam-lhes uma saraivada de pragas e maldições. O cavaleiro apeou e atirou as rédeas para um dos guardas.

– Você vai arder no fogo do inferno, Simone! – vociferou alguém bem perto de seu ouvido. Ele se virou e ergueu a espada, mas o bispo de Assis levantou a cruz que levava ao pescoço para fazê-lo parar. Mordendo o lábio inferior, Simone abaixou a cabeça para entrar na igreja. O prefeito veio juntar-se a ele em seguida. Bem no portal da entrada, o mercador de lã estava à espera, ao lado do castelão da comuna Todi.

– Ponham o ataúde no chão – ordenou Giancarlo a seus homens.

Depois, mandou que fossem para fora, defender o pátio. Assim que os guardas saíram, ele e o cavaleiro fecharam a porta com uma barra pesada de madeira que ia de um lado a outro. O prefeito encostou-se no painel entalhado, ofegante, enquanto Simone levantava o elmo e secava a testa com a manga de seu gibão de couro acolchoado. Foi somente quando o cavaleiro repôs a espada na bainha que notou vestígios de sangue ressecado na lâmina. *Cada vez pior*, pensou, sombrio.

A penumbra da entrada e o som agora abafado da confusão do lado de fora da igreja apaziguaram seus nervos. Correu os olhos ao redor e viu o rosto

pálido do castelão, o desdém franzindo os lábios do mercador, o maxilar contraído do prefeito, e perguntou-se por que cada uma dessas pessoas teria se envolvido naquele sacrilégio. Suspeitava que o comerciante haveria de ficar feliz em vender as relíquias, um por um dos ossos santificados, apesar de serem os restos mortais de seu único irmão.

Uma voz soou, vinda do fundo da nave central:

– Rápido. Tragam o caixão para cá.

Dois frades, o mestre construtor frei Elias e seu laicaio, esperavam em cada lado do altar principal. Um círculo de tochas queimava em seus suportes atrás deles, fazendo com que Simone se lembrasse da maldição sobre o fogo do inferno lançada pelo bispo. A luz das tochas projetava a sombra de frei Elias dentro da igreja, tornando-o muitíssimo maior do que o franzino conspirador que tramara o roubo. O calor afogueou o rosto do cavaleiro, apesar do vento gelado que percorria a igreja. Ficou imaginando se Elias poderia absolvê-lo antes de saírem, ainda que o frade fosse seu parceiro nesse pecado. Apavorava-lhe a idéia de encarar a multidão que o esperava do lado de fora tendo sua alma em pecado mortal.

Ao chegarem na parte da frente da nave, os quatro homens encontraram o altar-mor deslocado de sua base e uma profunda escavação na rocha abaixo dela. Os homens prenderam o caixão em cordas paralelas ao buraco e, com a ajuda dos frades, abaixaram-no até dentro do sarcófago. Jogaram as cordas sobre o caixão. Então, Elias girou uma das colunas em miniatura, ricamente ornadas, que ficavam na parte traseira do altar, até se ouvir um ruído seco. O bloco maciço moveu-se, rangendo devido à pesada rotação que fazia sobre o buraco. Finalmente, o frade limpou com os pés a poeira que se juntara ao redor da base de mármore, alisando-a depois com a sola da sandália para não parecer que tinha sido tocada.

– Ontem, os operários começaram a aplicar os ladrilhos no chão da abside – explicou. – Vão cobrir esta área amanhã. Não haverá nenhum vestígio. Ninguém saberá onde ele descansa.

Dobrou um joelho junto ao altar, inclinando a cabeça vagamente na direção do sarcófago.

– Nenhum vestígio, Padre Francesco – repetiu, num sussurro satisfeito. – Vosso segredo permanece convosco.

Simone recordou-se da reunião no palácio de Giancarlo, quando o próprio frade Elias argumentara que o corpo deveria ser escondido – até mesmo dos fiéis – para protegê-lo dos caçadores de relíquias. Havia duvidado das intenções

do homem desde o começo. De acordo com a interpretação do cavaleiro, Elias ainda fervia de raiva devido à eleição que perdera depois da morte de São Francisco. A irmandade havia nomeado outro frade para suceder ao santo na função de ministro geral da Ordem; um homem de mais idade, piedoso, porém com menos capacidade administrativa que o dedo mindinho de Elias. Fosse como fosse, Elias resolveu tirar vantagem da derrota quando o papa lhe pediu para que se encarregasse pessoalmente da construção da basílica. Agora, ele usara seu prêmio de consolação contra seus detratores e escondera a mais preciosa relíquia da Ordem onde jamais seria encontrada. Da próxima vez, os irmãos pensariam duas vezes antes de votarem contra ele.

Depois de aplinar a área ao redor do altar, Elias fez sinal para o laçao:

– Frei Illuminato, vá buscar a urna.

O rapazote desapareceu, encoberto pelas sombras do transepto. Ao voltar, minutos depois, trazia um pequeno relicário de ouro. Elias suspendeu a tampa e retirou do interior um anel com uma pedra azul-clara entalhada. Enfiou-o no dedo enquanto seu auxiliar distribuía anéis idênticos aos outros.

– Neste dia, está formada a *Compari della Tomba*, a Fraternidade da Tumba – disse Elias. – Vamos fazer o juramento, sob pena de morte, de jamais revelar o local onde os ossos estão enterrados.

– E, igualmente, jurar de morte qualquer um que descubra o esconderijo por acaso – acrescentou Giancarlo, severo. – Deus é nossa testemunha.

– Deus é nossa testemunha – repetiram os outros. Levantaram as mãos com os anéis à luz dos archotes e juntaram-nas. Cada um segurou com firmeza o punho do que estava ao lado.

– Amém! Assim seja! – exclamaram em uníssono.

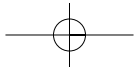
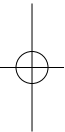


ITÁLIA E A REGIÃO AO REDOR DE ASSISI, APROXIMADAMENTE 1270

PRIMEIRA PARTE

O GRIFO





CAPÍTULO I



Festa de São Remígio
1º de outubro de 1271

FREI CONRAD FRANZIU A TESTA, intrigado, ao chegar ao topo da trilha que ziguezagueava até sua cabana. O esquilo agitando a cauda e guinchando, no parapeito da janela, indicava que havia um visitante lá dentro, alguém que não era o criado de Rosanna.

– Quietos, Irmão Cinzento! – ralhava, deixando cair o feixe de lenha que trazia ao ombro. – Dê ao estranho as boas-vindas que daria a mim. Ele pode ser um dos anjos do Senhor.

O eremita envolveu o esquilo em suas mãos e depois o soltou com leveza sobre o tronco escuro de um pinheiro que ficava logo adiante. O animal subiu para um galho mais alto enquanto Conrad entrava pela porta.

Sem se incomodar com a conversa, o visitante – um frade – dormia com a cabeça aninhada sobre a mesa do eremita, o rosto escondido sob o capuz. Conrad resmungou baixinho, satisfeito. Se tivesse de ser sociável e conversar, pelo menos o assunto seria espiritual. As sandálias de couro e a batina nova, de um cinza cor de rato, que seu hóspede usava não lhe agradaram tanto. Provavelmente era um Conventual, um daqueles frades mimados cuja vida estava mais próxima dos monges negros enclausurados do que de um filho de São Francisco desenraizado. Torceu para que a conversa não acabasse na velha discussão sobre a essência da verdadeira pobreza. Estava cansado e desconfiado daquele assunto; não havia lhe trazido nada além de sofrimento.

Apanhou os galhos secos que juntara, carregando-os pelo fio de junco que os atava. O sol mergulhava cedo nos montes Apeninos nessas tardes de outono, e o ar da montanha já vinha esfriando bastante durante a noite. Carregou

vários punhados de folhas mortas, pinhas e coníferas secas e amontoou tudo dentro do círculo de pedras achatadas no centro do aposento. Enquanto acendia o fogo com sua pedra de sílex, um murmúrio sonolento veio do canto.

– Frei Conrad da Offida?

A voz, surpreendentemente aguda, parecia a de um menino de coro antes de começar a falsear e a oscilar na puberdade. O visitante era um noviço, supôs, e provavelmente jovem demais. Como norma, a Ordem não recebia candidatos menores de quatorze anos, mas as autoridades muitas vezes ignoravam essa proibição.

– Sim, sou frei Conrad – disse. – A paz do Senhor esteja convosco, jovem irmão.

E continuou ajoelhado ao lado do anel de fogo.

– E também convosco. Meu nome é Fabiano – o rapazinho esfregou o nariz com as costas da mão, abafando as palavras.

– Fabiano. Muito bem! E seja bem-vindo. Assim que o fogo pegar, vou cozinhar uma sopa. Há grãos de feijão de molho no caldeirão.

– Nós também trouxemos comida – disse o menino, apontando o polegar na direção de uma sacola trançada que pendia da viga do teto. – Queijo, pão e uvas.

– Nós?

– O criado de Monna Rosanna guiou-me até aqui. Foi a patroa dele quem mandou essa comida de reserva, caso não tivesse o suficiente para você e uma visita.

Conrad sorriu e disse:

– Essa dama costuma ter de fato esses gestos de cortesia.

A labareda agora crepitava alto, enchendo o lugar com a fragrância do pinheiro da região de Aleppo que ardia lentamente. A fumaça subia em linhas sinuosas através da cobertura de palha enegrecida pela fuligem e saía por uma pequena fresta no telhado. As chamas faiscaram nos olhos do visitante, fazendo-os brilhar como azeitonas maduras sob o capuz. Conrad pôs o caldeirão no fogo e apanhou o saco de alimentos. Rosanna, bendito fosse o seu coração generoso, tinha mandado também uma cebola. Cortou duas fatias para comer cruas com o queijo, dividiu o resto em quatro partes iguais e acrescentou à sopa.

– Quem o enviou à Monna Rosanna? – perguntou Conrad.

– Meus superiores em Assis. Disseram-me para procurá-la em Ancona, e lá nas redondezas encontrei dois frades que me informaram o caminho para a

casa dela. A *signora* pareceu muito curiosa quando lhe disse que precisava encontrá-lo...



O COMENTÁRIO PAIROU NO AR, inacabado, soando como uma pergunta.

– Crescemos juntos – explicou Conrad –, éramos quase como irmãos. Ela... ou melhor, ela e o marido... ainda cuidam de mim, quando podem.

Fragments de lembranças flutuaram por sua mente: duas crianças reparando pãezinhos à margem do cais, enquanto o sol tremeluzia na água a seus pés. A imagem desintegrou-se por inteiro, da mesma forma que os reflexos luminosos se dispersavam nas pequeninas ondas naquela tarde longínqua, pois o visitante logo voltou a tagarelar.

– Você é órfão? É por isso que morava com a família dela?

Conrad encheu as bochechas de ar e deu um sopro lento.

– O passado dessa criatura não tem nenhuma importância – disse.

Aquela não era a conversa espiritual pela qual tinha ansiado. Teria mudado de assunto ali mesmo, mas Fabiano parecia tão desapontado que Conrad resolveu acrescentar:

– Sim. Meu pai era pescador em Ancona. Deus o levou durante uma tempestade, quando eu era ainda muito criança. Os pais de Monna Rosanna me acolheram. Resolveram que eu deveria estudar e me entregaram para os frades assim que fiz quinze anos. Agora, quatorze anos depois, aqui estou, e essa é toda a minha história.

Enquanto mexia a sopa, seus olhos marejaram levemente. Secou as lágrimas com o punho da manga, e estava para comentar o cheiro forte da cebola quando o menino o interrompeu mais uma vez.

– Onde estava a sua mãe?

– No céu, sem a menor dúvida. Meu pai dizia que ela morreu invocando a Virgem Santíssima ao me dar à luz.

A cabana recendia ao aroma das favas sendo cozidas. O menino respirou fundo e coçou a cabeça:

– Gosto de saber da vida das pessoas. Queria poder passar meu tempo todo vagando pelo mundo a colecionar histórias, como frei Salimbene. Conhece frei Salimbene?

Conrad fechou a cara.

– Ele não é um frade que você devesse imitar. Por que não me conta o motivo que o fez vir até mim? – mirou de novo aqueles olhos escuros, que de

repente se encheram de compaixão, quase chegando às lágrimas. Então e finalmente compreendeu.

- Frei Leo? – disse, respondendo à própria pergunta.
- Sim.
- Ele morreu em paz?
- Em paz, na mesma cabana em que São Francisco faleceu.
- Ele deve ter ficado contente por isso.



O EREMITA AJOELHOU-SE. Já esperava pela perda do amigo e mentor. Afinal, Leo vivera mais de oito décadas. Mesmo assim, sua morte era um golpe.

Quem conseguiria compreender o plano divino? Leo suplicara para ser levado com seu mestre São Francisco, e ainda assim Deus o prendera à vida por mais meio século, trabalhando e escrevendo. O pequenino padre tinha sido enfermeiro pessoal do fundador, trocando os curativos e passando unguentos nas feridas que se abriram nas mãos, nos pés e no lado do corpo dele depois da terrível visão no Monte LaVerna. Leo também fora confessor e secretário do santo – virtualmente os cargos mais importantes da Ordem, caso estivesse interessado em poder. Mas Francisco escolheu seu companheiro justamente por sua admirável simplicidade. Com mania de dar apelidos, ele rebatizou Leo, o leão, de *Fra Pecorello di Dio*, Irmão Cordeirinho de Deus.

Até os frades mais jovens, como Conrad, conheciam a famosa história da briga de Leo com Elias, depois da morte de Francisco, em que ele espatifara o grande vaso onde o ministro geral guardava as doações para a nova basílica. Elias mandou que o surrassem e o baniu de Assis por conta de sua rebeldia. Leo recolheu-se à obscuridade e começou a escrever pequenos tratados panfletários, denunciando a falta de rigor e os abusos dentro da Ordem. Tornou-se a consciência dos frades, mencionando tanto os preceitos quanto o espírito de São Francisco como fontes de inspiração – e a facção Conventual o odiava por isso.

Conrad ficou imaginando se frei Bonaventura, o último na linha de sucessores de Elias, teria passado por cima da antiga rixa.

- E o ministro geral enterrou frei Leo com as devidas honras? – perguntou.
- Com certeza. Na basílica, ao lado dos companheiros. Dizem que é a maior das honrarias.
- E era o que ele merecia – afirmou Conrad.

Quando Conrad mexia a sopa, o menino retirou o capuz. Cabelos pretos cortados bem curtos desciam retos até a ponta da orelha. Os olhos amendoados

tinham a expressão de surpresa das corças, o que era acentuado pelas longas pestanas. A pele branca como leite das faces e têmporas brilhava tão translúcida que, mesmo sob a pouca claridade, Conrad conseguia acompanhar as veias. O sorriso era largo, o nariz longo e reto com narinas dilatadas. Um nariz nobre, pensou Conrad. Esse menino é bonito *demais* para estar vivendo com frades mais velhos, especialmente frades que seguiam o comportamento dos monges negros. Só Deus sabia qual dos abundantes vícios monásticos estariam imitando àquela altura.

Quando Conrad parou de mexer a comida, o menino enfiou a mão dentro do saco que deixara debaixo da mesa e retirou um pergaminho enrolado.

– O mestre do noviciado mandou que lhe entregasse esta carta. Frei Leo disse que era absolutamente indispensável que a recebesse logo após sua morte.

O eremita desenrolou o manuscrito em pergaminho à luz do fogo. Leu-o várias vezes.

– O que diz? – Fabiano perguntou.

– Não está lacrado. Fico surpreso que você não o tenha lido. Seu mestre ainda não lhe ensinou as letras?

– Um pouco. Só consegui entender algumas das palavras. Pedi aos frades que encontrei pelo caminho que lessen para mim, mas só diziam que... não tinha *nada de interessante*.

Conrad revirou os olhos para o céu. Petulante, esse menino. E talvez perigoso, por ser tão ingênuo.

– Esses frades lhe disseram seus nomes? – perguntou.

– Não. Mas um deles era mais velho que o tempo, e o outro tinha o cabelo louro, se isso vale de alguma ajuda.

Conrad franziu os lábios.

– Não ajuda em nada.

Esses frades poderiam de fato trazer problemas. Esperava que a falta de discernimento do menino não causasse nenhum mal. Examinou o pergaminho novamente.

– Talvez *você* possa me dizer se a carta é ou não interessante – ele disse.

– Ela me aconselha a fazer o bem, como Leo certamente o faria, mas a mensagem não parece ter vindo do padre que conheci.

Aproximou ainda mais o pergaminho do fogo e leu em voz alta.

“Para Conrad, meu irmão em Cristo, frei Leo, seu indigno companheiro, vem cumprimentá-lo com obediente reverência em nome do Senhor.”

– Até aqui é de Leo; mas escute:

“*Recorde-se de como nós o aconselhamos a estudar e aprender. Leia com seus olhos, compreenda com a mente, sinta em seu coração a verdade das lendas. Servite pauperes Christi.*”

Conrad estendeu o pergaminho na direção de Fabiano.

– Sirva os pobres de Cristo? – Fez uma pausa para que as palavras fossem absorvidas, presumindo que o menino pudesse entender o significado delas, e terminou com um gesto de mão.

“*Escrito em Assis no décimo quarto ano da administração de Bonaventura di Bagnoregio, Ministro Geral, Ordem dos Frades Menores.*”

O eremita coçou o a nuca.

– Leo *nunca* me pediria para estudar, nem mesmo os relatos da vida de São Francisco – se é que são essas as “lendas” a que ele se refere. Francisco pregava que os estudiosos perdiam um tempo que seria mais bem utilizado em orações. Quanto a servir aos pobres, foi Leo quem me enviou para estas montanhas. E vem agora dizer que eu me a eles? Acho estranho.

Deu um peteleco no pergaminho.

– Nem mesmo é a letra de Leo. Grande demais e deselegante. Ele era um escriba refinado.

O eremita segurou a carta perto do fogo pela última vez. Um remate oval emoldurava a carta, mas sob a luz fraca ele não podia ver nenhuma uniformidade de padrão. Não era próprio de Leo designar como *urgente* uma carta que não tinha *nada de interessante*, mas, pelo que leu, Conrad teve que concordar com os dois frades viajantes.

Atirou o pergaminho sobre a mesa, o qual se enrolou novamente em forma de cilindro. Poderia não ser nada além da tagarelice de um homem senil. Contudo, a mente de Leo guardava muitos segredos. Considerando a letra que não reconhecia, a mensagem podia ser até uma trapaça inventada por Bonaventura, mas com que finalidade? Ainda assim, o rapaz vinha do Sacro Convento, a casa principal da Ordem, e só esse fato já despertava receios em Conrad.

– Vou dar-lhe comida, e depois volte a dormir – disse afinal. – Fez uma viagem cansativa.

Conrad teria tempo de refletir sobre a mensagem enquanto descansavam e esperar que lhe viesse alguma inspiração com as primeiras luzes da manhã.

Encheu duas tigelas de madeira com a sopa do caldeirão. Fabiano, enquanto isso, remexia devagar e pensativamente os cabelos crespos, até que ficaram espetados como os de um ouriço.

– Você ficou triste quando a deixou? – perguntou afinal.

Conrad, porém, não estava disposto a reabrir feridas da infância. Tocou os lábios com o dedo:

– Devíamos observar silêncio enquanto comemos, irmãozinho. Nosso fundador desejava que seus frades ansiassem por silêncio desde a noite até o amanhecer. Já falamos o suficiente por um dia inteiro.



O CANALHA DO LEO sabia de tudo desde o começo. Durante todos esses quarenta e cinco anos, cuidara do seu esconderijo como uma galinha protetora e preocupada, teimoso demais, mesmo então, para deixar o ninho e levar seus segredos para o túmulo como faria um homem sensato. Em vez disso, passara suas crias natimortas para um dos rebeldes ermitões.

Com uma palmada, frei Illuminato afastou o mosquito que lhe sugava o pulso, desejando que pudesse esmagar o eremita com igual facilidade. Puxou as rédeas de seu jumento e, com a manga, enxugou a testa. Mesmo em outubro, um dia ao sol podia esgotar as forças do viajante, sobretudo alguém com a idade tão avançada. Com a morte de Leo, ele era o último da primeira geração de irmãos que realmente tinham vivido com São Francisco.

– Preciso descansar, frei Zefferino – disse ao companheiro. – Esses meus frágeis ossos não conseguem ir mais longe por hoje.

– Como desejar, padre.

O jovem frade girou a perna no ar por cima do pescoço do burrico e deslizou para o chão. Depois ajudou o padre a apear.

Illuminato apertou os quadris com as mãos e arqueou as costas, espreguiçando-se como um gato velho e enrijecido. Sacudiu os ombros e foi coxeando por alguns metros até o topo da colina.

– Magnífico – disse por fim, abrindo os braços para o vale esculpido pelo rio Tescio. Fileiras de choupos estendiam-se como sentinelas às margens da estrada abaixo, brilhantes em seu dourado de outono. Outros borões em tons de amarelo marcavam as azinheiras espalhadas entre as sempre-verdes da floresta dos arredores. Na parte inferior da colina, várias construções em madeira se amontoavam em torno do campanário de tijolo de uma igreja, e, em algum ponto daquele aglomerado, a estrada se bifurcava: noroeste para Gubbio, sul e oeste na direção de Assis.

O companheiro de Illuminato segurou as rédeas dos dois animais juntas em uma das mãos, enquanto com a outra espantava uma mosca que zumbia ao redor da tonsura cor de palha de sua cabeça.

– Vamos dormir em Fossato di Vico hoje à noite? – perguntou. – Tenho um amigo que é um dos cônegos da catedral de lá.

– Dormir? Não, Zefferino – respondeu o padre. – Você só vai dormir amanhã.

Illuminato viu a perplexidade nos olhos azuis do homem.

– Não podemos perder tempo – disse. – Quero que você chegue antes de mim à aldeia. Na colina em frente à catedral, verá um *palazzo*. Entre, pergunte pelo *Signore* Giancarlo e diga-lhe que o “Amanuensis” precisa ficar na casa dele hoje à noite.

– *Amanuensis*?

– Ele saberá o que significa. Peça-lhe também, por amor a esse mesmo nome, que troque seu burro por uma montaria descansada, um cavalo ligeiro, se possível.

O velho padre apontou para a bifurcação abaixo.

– Siga pela estrada do norte o mais rápido que puder até a casa dos frades em Gubbio. Diga ao irmão-superior que, se o eremita Conrad vier das montanhas e parar lá para descansar, que o retenha. À força, se necessário. Eu seguirei caminho para Assis, para avisar o ministro geral.

– E como o irmão-superior saberá quem é o eremita?

Illuminato franziu o nariz cabeludo e seus olhos brilharam.

– Ora! Ele é um fanático, um daqueles fedorentos *zelanti*, que se orgulham como o Diabo de jamais tomar banho. Sentirão o cheiro dele bem antes de o avistarem. Também tem a barba negra de um sarraceno herege e uma juba desgrenhada onde outrora havia uma tonsura de padre.

Cuspiu na poeira do leito da estrada para enfatizar sua repugnância e acrescentou:

– Pode ser que o menino também esteja com ele, mas isso não deve ser nenhum problema. Diga ao irmão-superior que o segure também.

Illuminato tomou de volta as rédeas de sua montaria que o outro frade segurava.

– Agora vá, irmão, e boa sorte. Haverá uma recompensa para cada um de nós por esse trabalho.

Viu Zefferino chicotear o burrico ladeira abaixo, até que os dois desapareceram numa curva da estrada. Então, seguiu-os em um passo mais confortável, puxando o próprio animal. Seus jarretes flácidos e o lombo esquelético não agüentavam mais tanto castigo e já haviam sido maltratados o suficiente para uma tarde.

Não avisara a Elias, muitas décadas atrás, para não açoitar aquele gnomo irritante do Leo? *Deixe-o com suas arengas!* – aconselhara. Mas isso fora em 1232, e Elias, cheio de si com seus novos poderes – Ministro Geral da Ordem –, ainda expulsara Leo de Assis. Aqueles golpes desferidos sobre o frade tinham aberto uma fenda que agora se escancarava como o abismo infernal, pronto para tragar as duas facções da Ordem.

O padre rangeu os dentes desalinhados, mais uma vez irritado com Elias e, de repente, consigo também. Devia ter arrancado do menino a carta de Leo. Suas faculdades mentais agora funcionavam menos lentamente. No *palazzo*, ele pediria ao velho *signore* um pergaminho. Tinha de registrar tudo o que pudesse recordar da mensagem. O velho Giancarlo usava o anel da confraria; ele não pouparia esforços para pôr fim a esta mais recente ameaça ao juramento que haviam feito.

CAPÍTULO II



CONRAD E FABIANO DORMIAM ENROLADOS em seus mantos, um de cada lado do fogo. A respiração do menino entrou numa cadência regular, enquanto o eremita olhava o teto escurecendo, numa gradação de cores que ia do vermelho ao cinza. Os camundongos corriam pela cabana em busca de migalhas de pão e restos de comida. Caçadores noturnos de maior porte percorriam o mato lá fora à procura de alimento. De um lago distante, vinha um coro monótono de rãs coaxando. Uma rajada fria de vento entrou pela janela e o fez estremecer. Na maioria das noites, entregue a um sono prazeroso, não teria notado nem a brisa nem as criaturas noturnas.

Várias vezes seguidas, rememorou a carta de Leo. Tudo na mensagem lhe parecia errado – a caligrafia, as palavras, até mesmo o velino cor de creme em que fora escrita. Leo adorava a Senhora Pobreza com tanta paixão quanto ao próprio São Francisco. Se tivesse algum dinheiro, não haveria de gastá-lo num velino tão caro. Não. Teria feito uma doação a um pobre.

Conrad também tinha dúvidas a respeito do mensageiro. Não podia acreditar que Leo tivesse entregado uma mensagem importante a esse diabrete do Sacro Convento. Seu mentor não confiava em ninguém na casa principal. Nessas últimas décadas, havia escrupulosamente escondido seus panfletos dos outros frades, pois temia que fossem confiscados. E até mesmo a Conrad, que considerava seu filho espiritual, confiara apenas um de seus pergaminhos. O resto, Leo deixara com as Damas Pobres de São Damião, em cujo convento, onde nenhum outro homem além do padre confessor delas tinha permissão para entrar, seus manuscritos estavam escondidos em segurança, fora do alcance dos abelhudos de Bonaventura.

Por outro lado, esse Fabiano sobrevivera a uma caminhada perigosa pelos Apeninos e conseguira localizar Conrad em seu eremitério. O menino devia ser engenhoso. Sem contar que falava com familiaridade de frei Salimbene,

embora Conrad não pudesse imaginar o que esse girino poderia ter em comum com aquele velho sapo. Recordou-se da visita do obeso cronista ao Sacro Convento durante uma de suas infundáveis perambulações. Durante uma tarde, Salimbene mantivera em torno de si um grupo de irmãos dando risadinhas abafadas ao escutar suas histórias obscenas. Lembrou-se das feições inchadas do frade, de sua papada dupla – testemunhos de uma vida de banquetes nas cortes da nobreza – e de sua careca rosada porejada de suor sob o sol quente, e a imagem dele fez com que Conrad estremecesse de repulsa, da mesma forma como reagira no passado.

Ao fitá-lo através do fogo, o eremita viu que Fabiano também tremia em seu sono. O menino provavelmente não estava acostumado ao ar frio das montanhas. Virou-se de lado e soprou o que restava de brasas até provocar uma chuva de faíscas alaranjadas. Acrescentou mais madeira e atçou os carvões até achar que o fogo se manteria durante algum tempo.

– Pare! – gritou Fabiano de repente.

Conrad gelou. O que teria feito para assustar o menino?

– Parar o quê? – perguntou com brandura.

Fabiano não respondeu, e Conrad deu-se conta de que o noviço ainda dormia. O grito brotara de algum pesadelo. Os pés do menino agitaram-se por baixo do manto, como se ele tentasse escapar de alguma coisa ou de alguém.

Conrad ficou olhando até Fabiano se acalmar de novo. Então, o eremita finalmente cerrou os olhos. O nó de frustração em seu estômago se desfez, os batimentos do coração se desaceleraram e sua mente se aquietou.

Não fazia idéia de quanto tempo havia se passado, se adormecera ou estivera acordado, quando uma luz pálida e azulada pareceu expandir-se por trás de suas pálpebras. Dois frades vestidos em farrapos, com seus contornos embaçados num brilho de safira, pairavam acima dele. O irmão mais jovem descansou a mão lacerada no ombro do ancião.

– Conrad – disse o frade de tonsura branca, através de lábios que não se moveram. A delicadeza e a afeição contidas na voz dele deram-lhe arrepios. Reconheceu seu mentor e, pelas feridas na mão do jovem frade, sabia quem devia ser o companheiro de Leo.

– Frei Leo! Padre Francisco! – queria falar, mas nenhum som saía de sua garganta.

– Descubra a verdade das legendas – Leo repetiu a essência da mensagem. As palavras reverberaram na mente de Conrad, embora parecesse que Leo apenas as pensava, não falava.

– Então a mensagem vem *mesmo* de você? Mas é tão diferente de seu feito...

– Trate a mensageira com cortesia. Ela acaba de realizar uma tarefa bem árdua. Não faça caso de sua pouca idade. Vai precisar da ajuda dela para o trabalho que tem pela frente.

Conrad abriu os olhos de repente. E mais uma vez pegou-se olhando fixo para a palha escura do teto.

– *Ela? Ajuda dela?*

Sentou-se num pulo, como se atingido por um raio, e espreitou Fabiano do outro lado das chamas, com as costas estreitas voltadas para o fogo. Haveria uma curva na altura do quadril que não notara antes?

Uma visão dos santos de Deus deve ser sempre levada a sério. Vozes que são ouvidas quando se reza ou se dorme profundamente sempre revelam a verdade. Naquele momento, elas diziam que Conrad não deveria permanecer na cabana com Fabiano. Não fora São Crisóstomo quem advertira: “É por intermédio das mulheres que o demônio penetra no coração dos homens”?

Conrad ajeitou o último galho seco sobre a fogueira. Com um movimento, retirou seu manto e com ele cobriu a figura adormecida; depois, pé ante pé sobre a palha, saiu pela porta. Os camundongos correram ligeiros para os cantos da cabana à sua passagem.

O ar frio atingiu as orelhas e o rosto do eremita. Curvou-se contra a parede, no ponto mais próximo da porta, com os braços abraçando os joelhos, e levantou os olhos para o céu claro e gélido.

Leo, o que você fez comigo? Sabe que não tenho experiência nenhuma com mulheres. Era um adolescente ao deixar a família de Rosanna, e desde então praticamente não tivera nenhum contato com o sexo feminino. Durante o último verão que passaram juntos, até mesmo ela, fosse com um sorriso insinuante ou com um relancear deliberado daqueles olhos escuros, conseguia acelerar-lhe o pulso e provocar um torvelinho em seu coração. Com o correr dos anos, passou a aceitar como uma bênção redentora de Deus a dor intensa que sofrera quando se separaram. Não teve nem mesmo a oportunidade de uma despedida verdadeira. A mãe de Rosanna disse que a moça estava doente demais para participar do café da manhã no dia em que o pai dela o mandou embora abruptamente para a casa do frade em Offida.

O brilho dos olhos de uma jovem corça pastando a alguns passos da cabana chamou-lhe a atenção. Tinha batizado o animal de “Chiara” quando filhote, por causa da extrema leveza de suas passadas longas. Conrad sorriu